



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10835 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

SILÊNCIOS DO LIVRO DIDÁTICO EM RELAÇÃO ÀS MULHERES

Diana Lusa - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Flavia Ramos - UCS - Universidade de Caxias do Sul

## SILÊNCIOS DO LIVRO DIDÁTICO EM RELAÇÃO ÀS MULHERES

O papel social da mulher tem sido amplamente discutido nos últimos anos. Primeiro, como estudos sobre mulheres, mais tarde, passando a incorporar o conceito de *gênero* em suas discussões, que, como define Joan Scott (1995, p. 86), é um “elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e, ainda, uma “forma primária de dar significado às relações de poder”. Mais recentemente, tem-se difundido, no meio acadêmico, o conceito de interseccionalidade, conceito que perpassa a luta do movimento feminista negro. Conforme Collins e Bilge (2021, p. 15-16), a interseccionalidade como ferramenta analítica considera muitas categorias que estão inter-relacionadas: gênero, classe, raça, nacionalidade, entre outras. O conceito pretende compreender a complexidade do mundo, do ser humano. As relações de poder se manifestam como entidades que não se excluem; estão ligadas e influenciam umas as outras.

Como explicam as autoras, gênero não pode ser dissociado das demais categorias que também influenciam as construções históricas dos sujeitos. Considerando os estudos e conceitos que envolvem a mulher, pretendemos analisar alguns discursos que ainda podem parecer únicos, unilaterais e que influenciam – e constroem – a imagem normalizada que se tem sobre a mulher e seu lugar na sociedade.

Para além de tudo o que é dito e elucidado sobre a mulher, temos a intenção de discutir, nesta comunicação, o que permanece calado. Os silêncios sobre as normalizações de papéis sociais das mulheres que continuam sendo reproduzidos também por produtos

culturais que chegam às escolas. Pensar sobre as relações sociais de gênero é uma pauta que parece ganhar cada vez mais espaço. As construções históricas e sociais que passam a ser naturalizadas como verdades se encontram em diferentes documentos e, muitas vezes, reforçam o preconceito e a intolerância. Neste estudo, nosso olhar esteve voltado a um instrumento de trabalho amplamente utilizado em sala de aula: o livro didático de língua portuguesa.

O *corpus* da pesquisa é o livro didático de língua portuguesa *Português: linguagens*, volume 3, organizado pelos autores William Cereja e Thereza Cochar, 9ª edição. A obra fez parte do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) nos anos de 2015, 2016 e 2017. O exemplar analisado foi publicado no ano de 2013, pela editora Saraiva, e é formado por 400 páginas. Está dividido em quatro unidades: 1) História social do Modernismo; 2) A segunda fase do Modernismo. O romance de 30; 3) A segunda fase do Modernismo. A poesia de 30; 4) A literatura contemporânea. Com intuito de buscar como as mulheres eram contadas, mostradas – as suas aparições no manual – trazemos aqui os *não ditos* encontrados na obra e, em especial, em exercícios veiculados no livro, que envolveram imagens, textos escritos, pinturas.

Quanto à metodologia, trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo e analítico, ancorado no campo da problematização. Iniciamos realizando a leitura exploratória do livro didático em sua totalidade para identificar a presença da mulher nos textos. Construímos um quadro no qual anotamos todas as páginas em que houve aparição de mulher ou formas de representação desta, assim como o tipo de aparição: pintura, escultura, imagem que retrata mulher, textos de escritoras mulheres, pinturas realizadas por artistas mulheres, exercícios propostos que de alguma forma reforçam estereótipos de gênero sem discuti-los, abordando a pura questão gramatical. Nestes textos, buscamos entender e problematizar a ausência ou a presença e, quando comparece, como ocorre a representação da mulher – apresentação, em geral, realizada por um homem. Neste ponto, dividimos o estudo em duas partes: a) as representações da mulher nos textos veiculados no livro didático e o espaço dado à mulher autora; b) exemplos de exercícios propostos que naturalizam lugares sociais para a mulher. Apresentamos, aqui, a segunda parte do estudo, referente às atividades propostas no manual de língua portuguesa.

Nesta segunda parte do estudo, nossos objetivos foram: a) Identificar os discursos presentes nos exercícios propostos em livro didático do terceiro ano do Ensino Médio, em relação ao papel social da mulher – aqueles que abordam as relações de gênero de forma sutil, reforçando naturalizações, sem problematização; b) Analisar os exercícios propostos no livro didático de língua portuguesa do terceiro ano do ensino médio, a fim de perceber o que é considerado e o que não é mencionado ou discutido; o que é silenciado no material construído; c) Identificar se há um papel social compreendido como sendo o feminino e como ele é apresentado a partir dos exercícios propostos; d) Discutir sobre o que é considerado relevante em um exercício de língua portuguesa e o que pode vir a ser *apagado* em proposta de atividade, sendo considerado “o normal” por não ser apontado (ou questionado).

Iniciaremos com a constituição do papel da mulher pela imagem visual que aparece em textos escritos e exercícios e tudo o que não é dito sobre os discursos presentes. O que não é mais dito? O que não é mais visto – pelo fato de ser comum, aceito, como, por exemplo, os troféus entregues aos vitoriosos de disputas serem constituídos por corpos femininos de ouro, prata, bronze? O que continua de certa forma, dia após dia, demarcando nosso papel? O que não aparece – mas poderia, mas deveria – nas discussões do espaço de sala de aula, local de constante formação de crianças, jovens e adultos? Passemos, na sequência, à análise de excertos do livro.

Este estudo observa exercícios propostos e seu foco na análise gramatical, deixando de discutir sentidos possíveis, no que diz respeito aos discursos implícitos aos conteúdos. Abordaremos a reprodução de textos sexistas, que aparecem no livro para serem analisados na forma da estrutura da língua, das figuras de linguagem, mas que silenciam em relação ao discurso sobre o “papel da mulher”. Reproduções de padrões apresentadas como *o normal* ao propor ao leitor-estudantes que interprete, por exemplo, as figuras de linguagem presentes nas questões vem sem a proposta de que também se considere a interpretação do discurso, conforme algumas atividades listadas a seguir, que são exemplos de situações que vão compondo nosso imaginário, nossa condição social, e não são questionadas.

Analisamos oito propostas de atividades em que haveria possibilidade de promover reflexões sobre as relações de gênero. Traremos aqui, para desenvolver a discussão, alguns dos exercícios, duas situações entre as analisadas. Na página 44, do livro didático em tela é apresentado o *Manifesto Futurista*, de Filippo Marinetti (Fig 01 e Fig. 02).

**Figura 01**

**LEITURA**

Você vai ler a seguir o *Manifesto Futurista*, do italiano Filippo Tommasio Marinetti, publicado no jornal parisiense *Le Figaro* em 1909.

1. Pretendemos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e do destemor.
2. A coragem, a audácia e a revolta serão os elementos essenciais da nossa poesia.
3. Até agora, a literatura exaltou a imobilidade, o êxtase e o sono pensativos. Nós tencionamos exaltar a ação agressiva, uma insônia febril, o passo do atleta, o salto mortal, o soco e a bofetada.
4. Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma nova beleza da velocidade. Um carro de corrida cujo capô é adornado de grandes tubos, qual serpentes de hálito explosivo — um automóvel que rugir e parece cavalgar uma metralha é mais belo que a Vitória de Samotrácia.
5. Queremos cantar o homem ao volante, que percorre a Terra com a lança de seu espírito, traçando o círculo de sua órbita.
6. O poeta deve consumir-se de ardor, esplendor e generosidade: dilatar o fervor entusiástico dos elementos primordiais.



Museo de Arte Moderna de Nova Iorque, Estados Unidos

: Formas únicas de continuidade no espaço (1913), de Umberto Boccioni, uma das mais importantes expressões do dinamismo proposto pelo Futurismo Italiano.

Fonte: CEREJA; MAGALÃES, 2013, p. 45.

Figura 02

7. Não há beleza senão na luta. Nenhum trabalho sem caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um ataque violento às forças desconhecidas, deve reduzi-las e prostrá-las aos pés do homem.

8. Nós estamos no último promontório dos séculos! [...] Por que olhar para trás se o que queremos é arrombar as portas misteriosas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Já estamos vivendo no absoluto, porque criamos a velocidade eterna e onipresente.

9. Glorificaremos a guerra — a única higiene do mundo —, o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutivo dos portadores da liberdade, as belas ideias pelas quais vale a pena morrer e o desprezo pela mulher.

10. Destruiremos os museus, as bibliotecas, as academias de toda sorte, combateremos o moralismo, o feminismo, toda covardia oportunista ou utilitária.

11. Nós cantaremos as grandes multidões entusiasmadas pelo trabalho, pelo prazer e pela insurreição; cantaremos as ondas multicores e polifônicas da revolução nas capitais modernas; cantaremos o vibrante fervor noturno dos arsenais e estaleiros iluminados por luas elétricas; nuvens ambiciosas pelas linhas arqueadas de sua fumaça; pontes que atravessam rios qual ginastas gigantes, reverberando o sol com o fulgor das navalhas; vapores aventureiros que farejam o horizonte; locomotivas de peito ancho, cujas rodas lavram os trilhos como os cascos de enormes cavalos de aço arreados com tubulações; e o voo elegante dos aviões cujas hélices rascam aos ventos qual estandartes e que parecem levantar vivas qual uma multidão entusiasmada.

(In: Richard Humphreys. *Futurismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 11.)

ancho: largo, amplo, espaçoso.	prostrar: fazer cair, lançar por terra; tirar ou perder as forças.
arqueado: curvado, em forma de arco.	rascar: raspar, tirar lascas, gritar.
fulgor: brilho, clarão, luminosidade.	reverberar: refletir, brilhar, emitir luz.
promontório: parte mais alta, proeminência, saliência.	

Fonte: CEREJA; MAGALÃES, 2013, p. 45.

O texto, que faz parte do movimento futurista, um dos primeiros movimentos da arte moderna, é texto que prega a violência em forma de guerra e o desprezo pela mulher, o que é dito de forma direta. Entendemos o desprezo pela mulher como o desprezo a tudo o que não estivesse relacionado ao entendimento do universo masculino, pautado na força bruta, no desenvolvimento que deixasse para trás tudo o que já havia sido criado com vistas a um futuro feroz, bélico. Em trecho do escrito de Marinetti pode ler: “[...] combateremos o moralismo, o feminismo, toda covardia oportunista ou utilitária” (2013, p. 45). Com a leitura do manifesto, relembramos as palavras de Woolf (2014, p. 39): “As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural.”

Os exercícios propostos, referentes à leitura deste texto – sendo cinco no total – não propõem discussão sobre o lugar de desprezo atribuído à mulher nas palavras do manifesto e nem abrem a possibilidade de discussão. A questão “a” do segundo exercício questiona ao estudante sobre o significado da comparação feita por Marinetti, entre o automóvel e a *Vitória de Somotrácia* (apresentando uma imagem da escultura [Fig. 03]). A imagem de parte da escultura (a parte do corpo da mulher, sem cabeça e sem os braços), traz consigo o nome e a data da obra, sem qualquer explicação ou contextualização. É apresentada a representação de um corpo feminino com asas e sem cabeça, nomeado, mas não há explicações ou

problematizações – estudo histórico, compreensão dos porquês de um corpo de mulher, sem cabeça, ter se tornado conhecido e continuar sendo referenciado muito tempo depois de sua criação.

**Figura 03: *Vitória de Somotrácia***



Fonte: CEREJA; MAGALÃES, 2013, p. 45.

Ainda sobre o Manifesto, o exercício 5, propõe ao aluno que apresente, além da defesa da guerra, que está explícita no texto, outra questão que considere “politicamente incorreta”. Aqui, entre tantas questões que poderiam ser problematizadas referentes ao texto para o qual se está olhando, talvez pudessem entrar as relações de gênero, o desrespeito à mulher e a tudo o que é considerado feminino. Problematicamos que, para além do “politicamente correto” ou do “politicamente incorreto”, há formas de construir significações, que acabam sendo naturalizadas e, a partir dessa naturalização, tiram direitos, excluem, consideram mais alguns valores – aqueles que se têm definidos como *masculinos* – do que outros. Esses tópicos, de como *verdades* são normalizadas não são tratadas no exercício. O desprezo para com as mulheres prevalece até hoje. Dessa forma, os leitores de um livro didático teriam a oportunidade de leitura mais crítica quanto às relações de gênero se as questões fossem problematizadas, quando aparecem dentro de conteúdos curriculares.

Pensando em gênero na escola, durante muitos anos, só os meninos tiveram acesso a este espaço e hoje, apesar de meninas e meninos dividirem o mesmo espaço da sala de aula, ainda existem diferenças mesmo dentro da escola. As desigualdades existem e nem sempre é fácil percebê-las, devido à sua sutileza. Não é tarefa fácil notar as diferenças quando elas são vividas, mas negadas pela maior parte dos que as praticam, e acreditam, consciente ou inconscientemente nelas (LOURO, 1997, p.58). Virginia Woolf (2014) contribui com a discussão, ainda que não trate diretamente de questões presentes na Educação Básica, a autora aborda a dificuldade que tinham as mulheres – aquelas com condições econômicas para

chegar até esse nível de ensino – de estar em um ambiente universitário, de fazer parte deste lugar no início do século XX. Woolf (2014, p. 73) pontua que os valores das mulheres diferem dos valores “que foram forjados pelo outro sexo” e, sendo assim, os valores que prevalecem são os relacionados ao mundo masculino, considerados importantes em contraponto como os valores triviais, alusivos ao mundo feminino.

Voltando à análise das atividades, encontramos dentro de uma série de exercícios sobre pontuação, uma imagem publicitária para ser analisada pelos estudantes quanto ao uso da vírgula. O anúncio de um eletrodoméstico (Fig. 04) utilizado para limpeza, trazia a imagem do produto acompanhada das frases: “Mãe, é uma só. Vaporetto também.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 205).

**Figura 4**



Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 205.

As duas questões propostas, a partir da propaganda tratam, a primeira, do uso inadequado da vírgula questionando o porquê, e a segunda, sobre a intenção do anunciante empregar a vírgula no anúncio. Os questionamentos dão conta da norma da língua e consideram que se levantem hipóteses quanto à intenção do anunciante em não utilizar a pontuação conforme a gramática normativa. Esse poderia ser um momento para também promover reflexões – de forma escrita ou debate oral – sobre como o papel social da mulher é percebido e construído. Conforme Louro (1997, p. 41), “homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas fazem, também através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, [...] condutas [...] apropriadas.” As práticas sociais sobre as quais não se promovem reflexões e possibilidades de olhá-las criticamente, podem acabar por serem naturalizadas e aceitas como verdades.

De forma parecida ao que observamos nessa obra pertencente ao PNLD 2015, os autores Simone Silva e Júlio Pereira (2018) apontam, tomando como *corpus* de análise obras de língua portuguesa do PNLD 2018, que não aparecem mais estereótipos, de forma sistemática como era comum: “avós velhinhas com aptidão para sábias, negros em função subalterna, mulheres sempre atuando na cena doméstica, entre outras situações reprodutoras de aspectos conservadores” (SILVA; PEREIRA, 2018, p. 29). Os autores também pontuam que embora seja assim, ainda aparecem “lampejos das representações machistas”. Diferentemente da obra do PNLD 2015 que analisamos neste trabalho, Silva e Pereira destacam, na análise da coletânea do PNLD 2018, que há a preocupação em atender à Lei 11.645, de 2008, referente à obrigatoriedade da *História e Cultura Afro-brasileira e Indígena* no componente curricular de língua portuguesa. No manual que analisamos, ao final, há um breve capítulo, que traz um panorama das literaturas africanas de língua portuguesa, destacando a produção de alguns escritores; Mia Couto foi o único autor cuja apresentação acompanha sua fotografia. Encontramos poucas imagens de pessoas negras e apenas uma de mulher negra, e estas ilustrações estavam junto à temática das cotas em universidades. Não encontramos imagens de pessoas incluindo mulheres indígenas. Chamamos a atenção para o fato de que as cotas não são apenas para pessoas negras; envolvem um grupo maior de pessoas atendidas: estudantes de escola pública, pessoas com baixa-renda, pessoas com deficiência. Ainda assim, imagens de pessoas negras, juntamente com algumas pessoas brancas, acompanhavam os textos escritos sobre cotas, aparecendo praticamente só nesta seção, e os textos apresentados para trabalhar o gênero *debate público*, eram a favor e contra as cotas raciais.

No manual analisado, o que nos chama a atenção são os silêncios. A pouca aparição de mulheres – muitas representações sobre a mulher é feita por autores homens. São poucas as autoras mulheres – escritoras, artistas – que aparecem na obra e inexistem mulheres negras ou indígenas na posição de autoras ou protagonistas. Nesse sentido, pensamos que os manuais didáticos têm a possibilidade de dar um passo além, promovendo reflexões, problematizações acerca dos papéis sociais que foram naturalizados com o tempo, que foram aceitos como *certos*. Também acerca das diferentes condições dos grupos, de suas histórias, de sua desvalorização e silenciamento por longos períodos. As relações de gênero e as relações sociais, raciais, étnicas, etc., abordadas nas atividades propostas podem ser o mote para que outras discussões, além do conteúdo curricular específico, sejam discutidas, contribuindo na formação de um estudante-leitor mais crítico por ter a possibilidade de perceber nuances da história da sociedade que criaram *verdades*.

A obra analisada neste estudo integra a coleção mais distribuída pelo PNLD 2015 no Brasil<sup>[1]</sup>, circulando, assim, por todo o País. Consideramos que os artefatos escolares, como o livro didático, fazem parte da constituição da subjetividade dos estudantes, sendo, dessa forma, espaço privilegiado para visibilizar as mulheres e todas as *minorias*, apagadas da história por muito tempo.

**Palavras-chave:** Representações de mulher. Livro Didático de Língua Portuguesa. Exercício de língua portuguesa. Relações de gênero.

### Referências

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: Linguagens 3**. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 37-56.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Simone Bueno Borges da; PEREIRA, Júlio Neves. O livro didático de língua portuguesa e a formação do jovem brasileiro. *In*: SILVA, Simone Bueno Borges da; PEREIRA, Júlio Neves (Orgs.). **Língua portuguesa e literatura no livro didático: desafios e perspectivas**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

---

[1] Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos-anos-anteriores>. Acesso em: 06 jun. 2019.